

**Mistério ou respeito aos direitos humanos?  
China colocou em quarentena operários da indústria eletrônica...  
...na primeira semana de fevereiro de 2020.**

Rosangela Gaze  
Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos  
10/07/20

Nos últimos tempos, pesquisas e reportagens aqui e ali, procuram compreender as razões dos diferentes quantitativos de casos e mortes mundo afora.

Formulam-se hipóteses, dentre outras, sobre a constituição genética, grupos sanguíneos, imunidade natural, comorbidades, estratégias de testagem e medidas de distanciamento social e barreiras mecânicas ao contágio. Estas, comentadas por todos, transformaram cada um de nós em técnicos de saúde pública e, à semelhança do que ocorre em jogos e times de futebol, todos têm um palpite e torcem por algum time.

Menos popularizadas são as reflexões sobre a condução política de cada país no enfrentamento da crise sanitária.

Em 06 de fevereiro de 2020, o Brasil ainda nem acreditava que o Covid-19 chegaria por aqui [o primeiro caso foi identificado em 25/02/20 em São Paulo]. Na China, **operários da gigante taiwanesa de iPhones Foxconn em Zhengzhou, Província de Henan**, foram colocados em quarentena até **09 de fevereiro de 2020**, após o ano novo chinês de 2020 (25/01) ([veja](#)). Na ocasião (1ª semana de fevereiro), a China contava 564 mortes, 28.060 casos confirmados e cerca de 1,1 mil recuperados.

Notícias do *lockdown* em Wuhan e da extensão do ano novo chinês tornaram-se conhecidas dos brasileiros. Menos compreendido foi que o *lockdown* na China se estendeu **simultaneamente** às indústrias não essenciais e, a considerar o que se sucedeu na Foxconn, é possível que a todo o país.

[Noticiada](#) na grande mídia [[G1, Isto é](#)], a quarentena referia-se a uma unidade de produção de iPhones da Foxconn em Zhengzhou situada na Província de Henan vizinha à Província de Hubei, onde se situa Wuhan ([veja](#)). Entretanto, a medida sanitária valia para todas as unidades chinesas de produção da Foxconn, líder mundial na montagem de eletrônicos, da qual dependem outras empresas na fabricação de televisores, celulares e laptops. Nesta multinacional taiwanesa, cerca de um milhão de operários nas 30 fábricas chinesas guardaram quarentena até 09/02/20.

A Foxconn procurou tranquilizar os clientes, revisou suas metas de crescimento de vendas (de 3 a 5% para 1 a 3%) e se **manteve inoperante até a suspensão das medidas preventivas serem autorizadas pelas autoridades da China** ([veja](#)).

O sucesso do controle da pandemia, e possível maior influência, esteve também na extensão do lockdown às fábricas, locais de aglomeração de grande quantitativo de trabalhadores cuja arquitetura das plantas produtivas é desenhada para atender aos ritmos impostos pelo modelo toyotista de produção em que espaços físicos e de tempo são considerados perda de lucros. Intensifica-se neste modelo aglomerações e jornadas extensas nas linhas de produção propiciando maior contato entre trabalhadores e maior tempo de exposição.

O Covid-19 trilha as rotas das cadeias produtivas do 'necrocapital' transnacional. O respeito aos direitos humanos e às medidas sanitárias representou o diferencial no controle do espalhamento do Covid-19, no sudeste asiático e em alguns países europeus como a Alemanha.

No Brasil, ao contrário da China, o governo federal fascista e as elites financeiras transnacionais, que colocam o capital acima de todos garantiram as atividades em diversas cadeias produtivas, dentre elas a de eletrônicos da *Foxconn*. A unidade da Foxconn Jundiaí tem cerca de 1.500 funcionários e atende três empresas (Asus, Apple e Dell) ([Guedin, 02/04/20](#)). Difícil classificar este setor produtivo como essencial mas seus produtores alegam que houve aumento da demanda pelo *home office* que, embora não possa ser refutada, pergunta-se se as medidas de espaçamento entre postos de trabalho (evitando aglomerações no interior dessas indústrias), redução do ritmo de produção pela contratação de maior quantitativo de trabalhadores com redução de jornadas e rodízios, uso correto de EPC e EPI, dentre outras, não poderiam ser efetivadas.

A sede de produção atual da [Foxconn no Brasil](#) situa-se em Jundiaí/SP. O perfil produtivo de Jundiaí, como de outras cidades industriais, é diversificado. Caracteriza-se pela presença de empresas de tecnologia (*Foxconn*), de logística com armazéns da *Via Varejo* (*Casas Bahia/Pontofrio*), *Magazine Luiza* e *BRF* (unidade de inovação e logística), dentre outros, centrais de atendimento (*Tivit* e *Fidelity*), transportadoras (*Tombini*), indústria alimentícia (*Parmalat*, *Hans*), bebidas (*Coca-Cola*), autopeças (*Joyson*), metalurgia (*Siemens*, *CBC Indústrias Pesadas*), borracha, plásticos, embalagens, materiais para construção civil (*Astra*, *Duratex*), química de gases (*IBG*), papeleira (*Klabin*) e *Lingerie* (*Liz*).

Rankeado como 16º PIB per capita do Estado de São Paulo em 2017 e IDH 2010 muito alto (0,822) (IBGE, 05/07/20), os operários que garantem estas estatísticas estão rapidamente se materializando, junto com suas famílias, em curvas. A primeira morte em Jundiaí ocorreu em 08 de abril e o primeiro caso em 28 de março ([MS](#), 05/07/20).

Hoje (05/07/20), esta cidade de 418.962 habitantes, conta 198 mortes e 4085 casos de Covid-19. A partir de amanhã (06/07), regride para a fase vermelha em que, por exemplo, teatros, cinemas, restaurantes, bares, centros comerciais e espaços públicos ficam proibidos de funcionar enquanto "atividades industrias e cadeia produtiva" e de "Importação, exportação, logística e transportes", dentre outras, continuam em atividade ([veja](#)).

[Relato](#) de operário da Foxconn Jundiaí, enviado ao Blog Manual do Usuário e publicado em 02/04/20, mostra o sofrimento anônimo de trabalhadores da 'linha de frente do necrocapital'. *"Medo, é esse o sentimento de quem trabalha em serviços essenciais quando enfrenta o mundo externo da pandemia. Conheço bem o sentimento. Com um detalhe: não trabalho em serviços essenciais. Trabalho em uma planta fabril da Foxconn na cidade de Jundiaí (SP). Sim, a empresa de origem taiwanesa que fornece componentes, material semipronto e pronto para marcas como Dell, Asus e Apple.. Trabalhar num ambiente fabril neste momento em que o coronavírus se espalha rapidamente é deveras estafante. Qualquer ambiente com aglomeração pode espalhar o vírus. Mais de 80% das indústrias da cidade não pararam. Na Foxconn, há alguns agravantes, que, entre outras controvérsias, foi palco de dezenas de casos de*

*suicídios* em suas plantas na China continental em 2010." Segue refletindo, com sabedoria e generosidade, "É justo uma fábrica de produtos não essenciais viver uma verdadeira abundância de álcool gel e máscaras cirúrgicas enquanto hospitais de todo o planeta sofrem com a falta desses materiais? Na minha opinião, não. Não é justo. Não é ético. Não deveria estar acontecendo. Manter a fábrica funcionando é um atentado à saúde e, possivelmente, levará a vida de um ou mais funcionários. A troco do cumprimento de contratos, de dinheiro."

Segue informando as medidas de contenção do novo coronavírus adotadas pela Foxconn Brasil em que, como em outras indústrias, essenciais e não essenciais, incluem as máscaras e o álcool-in-gel e o afastamento dos sintomáticos respiratórios (com febre 14 dias; sem febre 3 dias). Sindicatos dos Metalúrgicos de Jundiaí e região têm pressionado empresas da região e conseguido acordos como férias coletivas ([Guedin, 02/04/20](#)).

Em 1918, a "gripezinha" era a Influenza Espanhola, a cidade Sorocaba (a 85 km de Jundiaí) e a força de trabalho era constituída em sua maioria de operários têxteis. A "Manchester Paulista" (alcunha da imprensa para Sorocaba) caminhava desde a virada do XIX/XX para a industrialização com as elites financeiras pretendendo galgar posições entre as cidades modernas às custas da deterioração das condições de vida e trabalho do operariado. Chega aos 1917-19, período das grandes greves operárias, com trabalhadores organizados em "associações mutualistas", como a "Sociedade Operária Italiana Umberto I, de 1885." Eis que, em setembro de 1918, **iniciam-se os primeiros casos da Espanhola no bairro da Fábrica [de tecidos] Santa Rosália.** Os debates e os conflitos sobre a interrupção das atividades na Santa Rosália e em outras fábricas sorocabanas eram intensos. Contam os autores que Eduardo Pirajá, médico da Santa Rosália, de um lado permitiu a continuidade das atividades e de outro assinou parecer, junto a colegas, favorável ao fechamento temporário das fábricas no período crítico da epidemia. O relato deste médico deixa entrever que a questão da aglomeração estava na pauta das discussões à época sobre manutenção da produção têxtil: "*Tomei a responsabilidade de concordar com o trabalho da fábrica [...] por não considerar aglomeração o trabalho de uma fábrica, onde os diversos grupos de operários se dividem por várias seções do serviço, em compartimentos diversos e muito amplos [...]*" A Gripe Espanhola deixou um saldo de 300 mortes segundo a imprensa. Relatórios oficiais registraram 8.213 casos de gripe e 142 óbitos nos cerca de 39 mil habitantes ([Dall'Ava e Mota, 2015](#)).

**Operários de outras cidades** ([Rio Largo/AL](#), [São Paulo/SP](#) e [Rio de Janeiro](#)) no país **formaram grande parcela das vítimas da pandemia da Espanhola** e a produção foi interrompida por não haver mão de obra disponível. Na Espanhola, registra-se nos EUA os primeiros casos, benignos, em março de 1918, com "**mais de mil operários da Ford Motor Company**", em Detroit, "500 dos 1900 detentos de San Quentin em abril e maio" e cerca de "20 mil recrutas da base militar Camp Funston/Fort Riley/Kansas" (Kolata, 2002, p.21-2).

Quanto mais mortes precisaremos olhar nas admiráveis curvas estatísticas para compreender que o lockdown precisa ser estendido às unidades de produção de todos os setores produtivos? O Covid-19, assim como a Influenza Espanhola, propagam-se em ambientes com aglomerações de pessoas. 'Não importa' se a fábrica produz carnes ou

celulares, o que produz vítimas do Covid-19 é a aglomeração de trabalhadores em espaços sem condições de trabalho. Em 1918 e 2020, no Sul, Norte, Leste e Oeste. Importa é interromper a cadeia de produção de mortes punindo crimes de responsabilidade de governos fascistas!

Refer: Kolata, Gina. Gripe: A história da pandemia de 1918. Rio de Janeiro: Record, 2018.